

conhecimento

O jeito “curupira” de andar

Quando temos a certeza de que só andamos para frente, é aí que o autoengano demonstra claramente ter tomado conta da razão. Se antes ainda havia certo bom senso, que combatia as exageradas fantasias pessoais, agora, contudo, a ilusão revestiu a sociedade com a sua lona, e o show, ao que tudo indica, não tem hora para acabar. Um enorme contingente de pessoas, por exemplo, possui uma educação esfarrapada. “Mas dá para levar assim mesmo” - acreditam. Afinal, para que serve o saber se o mercado de trabalho apenas exige títulos? A ética, sobretudo na esfera política e no “jeitinho” popular de arranjar as coisas, foi praticamente sorvida pelo vampiro da corrupção. Ninguém faz nada? É claro que faz, ri sentado enquanto assiste à televisão e toma cerveja. Quer mais? O consumismo não apenas diz o que vestir ou o que comer, ele dá as cartas em relação ao modo de se relacionar socialmente, haja vista “ter” e “ser” significarem a mesma coisa na nova linguagem das relações humanas. O dinheiro manda, obedece quem tem dívida! Ou ansiedade. Enfim, fazer é melhor do que pensar. O negócio da reflexão e da consciência, conclui-se, é coisa dos livros, os quais não lemos. “Deus me livre!” - apregoam os preguiçosos. Só ouvimos falar neles.

É o jeito “curupira” de andar. Os passos são sempre para frente, mas as pegadas mostram o contrário, pois os pés estão voltados para trás. Para piorar, cremos, sem hesitação, que somos a geração do futuro. Bravo! De modo imperceptível, o autoengano trabalha e nos faz crer melhores do que somos. Então, pergunto: já não foi bem melhor a qualidade da educação no passado em relação ao que se percebe no presente? Não houve mais honestidade ontem do que hoje, mesmo quando a malandragem percorria alguns gabinetes parlamentares? E quanto ao consumismo, por que cedemos tanto à roda escravista do sistema *Compre Mesmo Sem Precisar*?

Somos cativos do astuto esquema psicológico, pois temos que trabalhar cada vez mais para manter o status que exige que compremos, do contrário nos sentiremos inferiores, pobres diabos da sociedade. Assim o fazemos e, ironicamente, vivemos a reclamar das dificuldades imputadas pelos gastos frequentes. Pior: para alguns, o consolo é ver-se de pé no páreo diante dos outros que tombam ao longo da funesta corrida, cuja linha de chegada parece impossível alcançar. Ignoramos a nossa falta de reflexão e visão acerca dos males que nos afligem. Lançamos a culpa sobre os outros e as circunstâncias; em tudo que esteja além de nós, nunca em nós próprios. É o jeito “curupira” de andar, acreditando que se avança sem notar as pegadas a dizer o contrário. Será que estamos dando os passos na direção do verdadeiro desenvolvimento, capaz de resultar em autonomia e sustentabilidade? ■



Armando Correa de S. Neto
Psicólogo, professor e mestre em Liderança
selfcursos@uol.com.br